

## Corpo na perspectiva da fé: transitando do profano ao sagrado

*Perspective the body Faith: transitory profany  
sagrady*

**Weberson Ferreira Dias**

Universidade Federal de Goiás – UFG

[webersondias@gmail.com](mailto:webersondias@gmail.com)

**Welson Barbosa Santos**

Universidade Federal de Goiás – UFG

[wwsantosw@yahoo.com.br](mailto:wwsantosw@yahoo.com.br)

*“O essencial sempre nos escapa e ainda é preciso partir à sua procura”  
(FOUCAULT, 1988a, p.39)*

---

### Resumo

O trabalho tem como foco o estudo do evento Romaria do Bonfim que possui quase três séculos de existência e acontece no povoado situado a 22 km de Natividade e mais de 200 km de Palmas, capital do Estado de Tocantins. A Romaria, em sentido amplo e coletivo, torna-se uma atração artística desde a sua concepção, focada em mostrar, exhibir, expor os ritos da religião, mas também revela o culto do corpo que busca sair do campo do profano e do pecado para alcançar o lugar do sagrado, por meio da veneração das santidades e rituais de purificação e sacralização. Assim, analisamos a indissociabilidade entre religião e corpo, na perspectiva em que este é percebido como o que traz um discurso, e também portador e disseminador de dispositivos ligados à fé, que são capazes de criar, manter e reproduzir a devoção entre os romeiros do catolicismo popular. Essa cultura religiosa fortalece o conceito da fé e do milagre, deixando marcas seculares nas subjetividades dos sujeitos e de seus corpos. Realizamos uma análise, com ênfase no diálogo com Michel Foucault, acerca das expressões corporais dos fiéis dentro da Romaria do Senhor do Bonfim, tendo como objetivo a compreensão do corpo enquanto lugar de expressão de culto, de devoção, de propagação, assim como as formas de dominação e docilização do ser.

**Palavras-chave:** Comunicação. Religião. Corpo. Simbologias. Sacralização.

---

### **Abstract**

The work focuses on the study of the Pilgrimage of Bonfim event that has almost three centuries of existence and happens in the village located 22 km from Natividade and more than 200 km from Palmas, capital of the State of Tocantins. Pilgrimage, in a broad and collective sense, becomes an artistic attraction from its conception, focused on showing, displaying, exposing the rites of religion, but also revealing the cult of the body that seeks to leave the field of the profane and sin for to reach the place of the sacred, through the veneration of the sanctities and rituals of purification and sacralization. Thus, we analyze the indissociability between religion and body, in the perspective that it is perceived as that which brings a discourse, and also bearer and disseminator of devices linked to the faith, that are able to create, maintain and reproduce devotion among the pilgrims of the popular catholicism. This religious culture strengthens the concept of faith and the miracle, leaving secular marks in the subjectivities of the subjects and their bodies. We conducted an analysis, with emphasis on the dialogue with Michel Foucault, about the corporal expressions of the faithful within the Pilgrimage of the Lord of Bonfim, aiming at understanding the body as a place of expression of worship, devotion, propagation, as well as forms of domination and docilization of being.

**Keywords:** Communication. Religion. Body. Symbologies. Sacralization.

### **Introdução**

Esta discussão tem como proposta discorrer sobre o entrelaçamento entre o religioso e o corpo, na perspectiva em que este é percebido como o que traz um discurso, e por isso, também portador e propagador de dispositivos diversos. Assim, quando arrazoamos no corpo dentro desse recorte, é importante também pensarmos nos discursos que são produzidos, trazidos e reproduzidos por ele, e sua potencialidade de alcançar outros corpos. É tomando o caminho dessa dimensão de corpo e discurso, que percebemos possível direcionamento a alguns ditados populares que se referem ao corpo físico para construir uma ideia de fundo moral.

Nesse sentido, certamente que já fomos surpreendidos com máximas como “Quando a cabeça não pensa, o corpo padece”, “Mente são, corpo são”, “Casa sem lume, corpo sem alma”, “Saco parado não segura em pé”, “Conselho sem remédio, é corpo sem alma”. Sendo, assim, comum o uso de partes do corpo e/ou o corpo todo para a representação de ditos populares. Assim, interessa-nos neste artigo observar como o corpo expressa discursos<sup>1</sup> e dispositivos<sup>2</sup> ligados à fé, mesmo que nem sempre as

---

<sup>1</sup> O discurso nesse trabalho, auxiliado por Fernandes (2012) é entendido como o que incide sobre o sujeito, tendo poder de subjetivá-lo. Como definição, o discurso não compreende somente o que é

verbalizações ocorram. Nesse caminho, nossa indagação é referente a que forma este corpo é conduzido a trazer tais aparatos de enunciação<sup>3</sup>, e por fim, quais são estas linguagens não-verbais capazes de gerar e propagar a fé entre romeiros do catolicismo popular?

Para tal, tomaremos como foco a Romaria do Bonfim, evento religioso que acontece no povoado homônimo, a 22 km de Natividade e a pouco mais de 200 km de Palmas, capital do Estado do Tocantins. Como referência, as narrativas encontradas na história contam que a fundação da comunidade, formada em média por 100 moradores, iniciou-se a partir de uma estatueta que teria sido encontrada por um vaqueiro sobre um tronco de árvore, numa região brejeira da zona rural do município de Natividade. Segundo relatos, diz-se que ao levá-la para casa a imagem retornou no dia seguinte ao local onde fora encontrada sem explicação aparente de como o fato ocorreu. Isso propiciou o início da tradicional Romaria ao local, que contabiliza quase três séculos.

Por ser assim, Natividade é o espaço de ambientação desta discussão e, como cidade histórica do Tocantins, dada sua relevância para a Capitania, a localidade chegou a ser por três vezes sede da Comarca do Norte durante o Brasil Colonial. Casarões, igrejas centenárias e uma pequena população de poucos mais de 10 mil habitantes mantém a tradição das festas religiosas ali estabelecidas. Inclusive, esse caráter religioso do município é expressado em seu nome, nos nomes das igrejas locais e até no batismo

---

falado, mas também o silenciado e silencioso; não se restringe à palavra, conversações, texto ou escrita, mas abarca o que pode ter sentido mesmo no silêncio, naquilo que por si só pode trazer significados. Discursos são capazes de moldar e edificar o sujeito, subjetivando-o por meio das verdades que o atravessam.

<sup>2</sup> Para Foucault (2000) dispositivo é um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas (p.244). Para o autor, o dito e o não dito são elementos do dispositivo, sendo reconhecido como a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. Nisso, é importante observar que entre elementos discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição e modificações de funções que também podem ser muito diferentes. Ainda, o dispositivo tem também função estratégica dominante.

<sup>3</sup> Segundo Araújo (2000), os enunciados formam as práticas discursivas, que por sua vez formam as epistemes e estes, o conhecimento da época. Eles não são só frases gramaticais, pois lugares, documentos e árvores genealógicas podem ser enunciados, não são proposições lógicas, pois a análise do discurso não se interessa em saber se as proposições de uma ciência da época são verdadeiras ou falsas e também não são somente atos de fala, pois para haver ato de fala pode ser necessário mais que um enunciado. Para a autora, sem enunciado um ato de fala não tem efeito. Esse efeito reporta-se a um autor; o autor de uma formulação (ato de fala) é especificável, e o que diz é dito em circunstâncias únicas, que não se repetem. Já os enunciados se repetem e o lugar do sujeito é um vazio a ser preenchido. Para a autora os enunciados funcionam dentro de uma prática discursiva e esta é prestigiada quando produz verdade. O prestígio na nossa época é pela verdade produzida pela ciência.

nominal do antigo arraial que deu origem ao primeiro núcleo: povoado de São Luis - uma homenagem ao então governador da Capitania de São Paulo, D. Luís de Mascarenhas, conforme a historiografia.

Ainda, essa característica de religiosidade, de considerado valor social em Natividade, é algo que fortalece o conceito do milagre e do sagrado inerente ao povoado. Por ser assim, naquela localidade reúnem-se, anualmente, sempre no início do mês de agosto, milhares de pessoas em ato de culto católico. Isso se evidencia no pagar promessas, no envolvimento com o sagrado e outros. Nessa perspectiva, nossa proposta é nos ater ao evento e ao rito do sagrado que ocorre nesta localidade anualmente e, que deixa marca nas subjetividades desses sujeitos e seus corpos. Marcas que vem sendo repassados por gerações. Quando sinalizamos tal recorte, nos referimos a comunicação que é do corpo e que o corpo traz.

### **Comunicação, gestos, símbolos e comportamentos**

Buscando direcionamentos sobre a comunicação, historicamente, por uma sequência de anos, da Inglaterra aos Estados Unidos e Alemanha, acreditou-se que a comunicação se restringia aos meios técnicos de difusão e informação (cinema, rádio, TV, fax etc.), bem como suas influências, interfaces e apropriações. Mas, foi a partir dos Estudos Culturais na década de 1960 que houve novas diretrizes nesse campo. Entendido isso, nossa proposta é adentrar no campo do discurso que o corpo trás e dissemina, e, como já afirmado, nossa referência está no corpo, no culto e no religioso. Nesse sentido, é de Foucault (2011; 2008) que procedem referências de discurso e suas interfaces com a verdade<sup>4</sup>, sendo referencias que sustentarão o debate proposto.

Nesse caminho, ao buscarmos melhor entendimento sobre discurso, o autor citado nos orienta o recusar explicações unívocas, fáceis. Sua orientação é por não se buscar e insistir no sentido último e oculto das coisas. No campo referido, o alerta é importante devido ser prática bastante comum e incorreta (FISCHER, 2001). Por ser

---

<sup>4</sup> A palavra verdade é usada por Foucault (2011b) e pode ser entendida como possuidora de uma história, portanto, não é algo metafísico ou transcendente. Para o autor a verdade não existe fora do poder ou sem poder, sendo produzida como efeito de poder. Ainda, o sentido mais amplo dado a ao termo é discutido no capítulo IV.

assim, no conceito de discurso enquanto prática de produção de sentidos e expressos no corpo, como o que ocorre em Natividade – TO, reforçamos que é preciso ficar no nível de existência das palavras e das coisas ditas e fugir do buscar sentidos nas profundezas dos sujeitos ou das coisas. Isso corresponde trabalhar o discurso na sua complexidade típica (FERNANDES, 2015).

É nessa ótica de discurso que afirmamos nada haver por trás das cortinas do mesmo, nem sob o chão em que se pisa. O que existem são enunciados e relações que o próprio discurso põe em funcionamento (FOUCAULT, 2008). Então aqui, no entendimento de corpo enquanto lugar de expressão de culto, de devoção, de religioso e do sagrado, é valoroso estar atentos às subjetividades<sup>5</sup> que esses corpos trazem, nos discursos presentes neles, assim como as redes de relações históricas e práticas da questão que, inclusive, a todo tempo, são rememoradas na sociedade, no campo dos debates do religioso e do sagrado e que a todo tempo e em diferentes lugares, são rememorados e inclusive repassados historicamente, sendo comprometidos a atender uma demanda em que é revivido.

Na mesma linha de raciocínio, há de se considerar que, no nosso tempo as possibilidades de comunicação são inúmeras e, nesse campo, o corpo vem sendo moldado a partir da vida em sociedade para compô-la, para que esteja nela e faça parte dela de forma mais harmônica e uniforme (SANTOS, 2016). Isso é consequência da vinculação social, da comunicação a partir do corpo e o discurso que o comunica com os outros. Buscando ainda, definir o sentido de comunicação, ela pode ser compreendida como comunhão, vinculação e partilha, podendo extrapolar a ideia de simples interação. Assim, seria a vinculação social, o objeto da comunicação. Ainda, pode ser a explicação de,

Vínculo, a atração social, como é que as pessoas se mantêm unidas, juntas socialmente. É o laço atrativo. E esse laço é atrativo é a obrigação simbólica originária, que faz nascendo uma dívida simbólica com o grupo social. E a dívida simbólica é com o meu pai, minha mãe, comigo mesmo. É também um compromisso de vida ou de morte. Porque eu possa exigir que me sacrifique para manter o grupo. A convocação para a guerra é isso, embora seja uma

---

<sup>5</sup> Sobre subjetividade, trata-se de reforços nas constituições de sujeitos e mecanismos de poder e de vontade de verdade que atravessa cada um (a). É a ética enquanto constituição de si, como sujeito para si mesmo e de seus próprios atos. Ética que passa por tal vontade de verdade. Seria saber de si para si em uma procura de verdades centralizadas. A subjetivação refere-se ao processo constitutivo de cada um (a) e como mecanismo possibilita objetivação. A seu turno, seria então, o conceito, o preconceito, aquilo que é descritivo de alguém, a partir do referencial dado por quem vê e observa.

convocação já anacrônica. Mas até agora existia essa possibilidade: de morrer pelo grupo. E como são os compromissos amorosos, que na verdade envolvem a comunidade por inteiro. São compromissos sociais de vida e morte. Isso eu chamo de vínculo social (SODRÉ, 2001, p.02).

A vinculação [...] não se define como um estar junto num território, numa relação de consanguinidade, numa religião, mas como um comportamento ou uma troca (SODRÉ, 2002, p.224).

Portanto, nos convém dizer que a linguagem não-verbal está inserida no contexto da vinculação e trazida no corpo em forma de discurso, corpo aquele que diz, que enuncia, que expressa e que por si só comunica. Nesse raciocínio,

A experiência do homem é dado um corpo que é seu corpo - fragmento de espaço ambíguo, cuja espacialidade própria e irredutível se articula contudo com o espaço das coisas [...] Isso quer dizer que cada uma dessas formas positivas, em que o homem pode aprender que é finito, só lhe é dada com base na sua própria finitude (FOUCAULT, 1966, p.331).

Portanto, se a comunicação verbal envolve a língua falada e escrita; e a comunicação não-verbal é referenciada por gestos (mão, postura, beijo, cumprimento, toque), mímicas, expressões fisionômicas (olhar, caretas, semblante, riso, piscadela) e *performance*; a comunicação não-verbal pressupõe o uso de signos icônicos (imagens, figuras, desenhos, símbolos, pintura, objetos e escultura), além de música, como meio de se comunicar. Nesta linha de pensamento, Marcondes Filho (2004, p.16) afirma que a comunicação se realiza “no silêncio, no contato dos corpos, nos olhares, nos ambientes”. É na ausência do uso das palavras que se constrói a linguagem corporal, usada ora para substituir e reforçar, ora para contradizer o falar.

Portanto, indubitavelmente, o corpo é produzido pelos discursos, sendo propagador do mesmo, envolvendo e expressando assim, a potencialidade da comunicação. Nisso, citemos Lair Ribeiro<sup>6</sup> que descreve sobre nós aos outros, e vice-versa, demonstrando-nos um jogo de linguagem que é verdadeira. Vale ressaltar que isso se dá em um corpo que tornou-se significativo aos estudos de discurso por ser uma considerada e potencial ferramenta de propagação do mesmos.

## O corpo para auxílio e entendimentos de discurso religioso

---

<sup>6</sup> Referência ao escritor Lair Ribeiro, autor do livro “A Magia da Comunicação”. Confira: RIBEIRO, Lair. **A magia da comunicação**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1993.

Para melhor entender a dinâmica do corpo e o discurso do religioso, tomaremos como referência alguns estudos de Michel Foucault. Foi na década de 70, que o filósofo e historiador francês escreveu sobre o corpo. Na obra a “História da Sexualidade”, que inaugura três tomos sobre o assunto no mundo ocidental, o autor avalia o corpo como “dispositivo de sexualidade”, valorizando-o como “objeto de saber” e como “elemento nas relações de poder” (FOUCAULT, 1988a, p.117-118). Para ele uma das formas de expressar o poder é a obrigatoriedade da prática da confissão, a partir do século XVII. A este movimento do sacramento da confissão, Foucault batiza de “evolução da pastoral católica” na Contrarreforma Católica. Mas, passado algum tempo, após o Concílio de Trento (1542) em específico, nota-se que,

Cobre-se, progressivamente, a nudez das questões que os manuais de confissão da Idade Média formulavam e grande número daquelas que eram correntes no século XVII. Evita-se entrar nessa enumeração [...] para que a confissão fosse completa: posição respectiva dos parceiros, atitudes tomadas, gestos, toques, momento exato do prazer — todo um exame minucioso do ato sexual em sua própria execução. A discrição é recomendada cada vez com mais insistência. [...] (FOUCAULT, 1988a, p.22)

Nessa mesma linha de raciocínio e buscando ampliar a concepção já citada, sabe-se que,

A Contrarreforma se dedica, em todos os países católicos, a acelerar o ritmo da confissão anual. Porque tenta impor regras meticulosas de exame de si mesmo. Mas, sobretudo, porque atribui cada vez mais importância, na penitência — em detrimento, talvez, de alguns outros pecados — a todas as insinuações da carne: pensamentos, desejos, imaginações voluptuosas, deleites, movimentos simultâneos da alma e do corpo, tudo isso deve entrar, agora, e em detalhe, no jogo da confissão e da direção espiritual. O sexo, segundo a nova pastoral, não deve mais ser mencionado sem prudência; mas seus aspectos, suas correlações, seus efeitos devem ser seguidos até às mais finas ramificações. [...] Tudo deve ser dito. (FOUCAULT, 1988a, p.24-25)

Trazido da tradição religiosa expressa socialmente e historicamente, a confissão, a reconciliação, o sacramento da penitência ou o sacramento do perdão, a muito vem sendo percebido como obrigatório para todo cristão, segundo a pastoral católica propagada e ainda vigente, embora já consideravelmente questionada. Em específico, trata-se de uma obrigação que fixa um imperativo de revelar não somente os atos contrários à lei, mas transformar todo o desejo do confessando em discurso e que contribui para maior dominação, considerando as produções de saberes e os mais

eficientes mecanismos de controle do social. Assim, “a pastoral cristã inscreveu, como dever fundamental, a tarefa de fazer passar tudo o que se relaciona com o sexo pelo crivo interminável da palavra”, de outro modo, “que o homem ocidental há três séculos tenha permanecido atado a essa tarefa que consiste em dizer tudo sobre seu sexo” (FOUCAULT, 1988a, p.27; 29).

Santos (2015) discute que havia aí um forte interesse na produção de saberes, na dominação dos corpos a partir do seu ponto mais pessoal – o desejo, o sexual, o prazer. Havia aí um interesse em controlar o prazer e o desejo conhecendo-os bem, a partir dos discursos de cada sujeitos. Assim munida, seria ação de controle dos mesmos bem mais eficientes. No entanto, vale considerar que embora reconheçamos viver tempos em que o campo do religioso tem a todo tempo sido questionado e rechaçado, novos dispositivos são edificados, assim como outros tem se perpetuado e rememorados. Isso pode ser evidenciado ao se observar o tema aqui trazido, o culto e religioso que nos serve de referência.

Esclarecendo, Foucault (1988b, p.126) afirma que muitos processos disciplinares: “Existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer do século XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação”. O filósofo e historiador chega a citar que os processos disciplinares, inclusive, são diferentes da escravidão, uma vez que “não se fundamentam numa relação de apropriação dos corpos” (FOUCAULT, 1988b, p.126). Ainda, cabe-nos explicar que não nos referimos à escravidão nos moldes apontados pelo autor, porém, nos ocuparemos nos próximos parágrafos em buscar o entendimento das relações sociais de dominação dos corpos no campo do religioso e que contribuem para moldar os comportamentos dos mesmos, uma vez “penetrados” pelos poderes exercidos pelo religioso. Esse é nosso alvo.

Ainda, pelas descrições do autor sabe-se que do século XVII em diante, iniciou-se na sociedade um processo para disciplinar o corpo da burguesia e também um docilizar das massas. Seriam corpos dóceis o atender a demanda e a produção, o torná-los os mais úteis possíveis. Assim referenciado que, como o corpo do homem, objeto e alvo de poder, pode-se perceber, a partir de 1700 o início de atividades no campo do religioso em Natividade, Tocantins. Nota-se que seria o processo de docilidade dos corpos, em especial da massa escravagista. Portanto, confirmando a questão,

consideremos que “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”, no intuito de torná-lo um corpo “que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam” (FOUCAULT, 1988b, p.125-126).

E por ser assim, trata-se de um corpo visado a ser controlado, eficiente e produtivo. Mas, vale considerar que adentrar na questão da produção, do controle, do poder sobre o corpo e das massas, não podemos nos privar de relativizar tais afirmativas considerando que, esse foi um direcionamento com seu valor para a organização da sociedade e adentrarmos aos avanços que se alcançou. Nesse campo procedem de Nietzsche (1998) valorosas considerações que nos auxiliam no melhor entender tais dinâmicas sociais e sua implantação nos diferentes momentos da história da humanidade. O que houve nesses dispositivos foi o interesse em,

Gravar algo a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de causar dor fica na memória – eis um axioma da mais antiga (e infelizmente mais duradoura) psicologia da terra [...]. Jamais deixou de haver sangue, martírio e sacrifício, quando o homem sentiu a necessidade de criar em si uma memória; os mais horrendos sacrifícios e penhores (entre eles o sacrifício dos primogênitos), as mais repugnantes mutilações (as castrações, por exemplo), os mais cruéis rituais de todos os cultos religiosos (todas as religiões são, no seu nível mais profundo, sistemas de crueldades) – tudo isso tem origem naquele instinto que divisou na dor o mais poderoso auxiliar da mnemônica (NIETZSCHE, 1998. p.50-51).

E a pergunta que o próprio autor nos deixou foi o como produzir no bicho-homem uma memória? Como gravar algo indelével nessa inteligência voltada para o instante, meio obtusa, um tanto leviana, em meio a essa encarnação do esquecimento? Pelos questionamentos feitos, logo adentramos em respostas percebendo que esse antigo problema não foi resolvido exatamente com meios e respostas suaves. E nisso devemos considerar o que Nietzsche (1998) sinaliza ao afirmar que nada exista de mais terrível e inquietante na pré-história do homem do que o grava-se algo a fogo, para um ficar na memória. Portanto, entendamos que o culto católico, o religioso está associado ao conceito de que apenas o que não cessa de causar dor fica na memória.

Ampliando para além do corpo e da dor citada pelo autor, Chartier (2015, p.49) vai nos alertar sobre o poder sendo exercido em relação aos atores sociais. Diz ele:

O objeto fundamental de uma história que se propõe reconhecer a maneira como atores sociais dão sentido às suas práticas e a seus enunciados se situa, portanto, na tensão entre, por um lado, as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e, por outro, as restrições e as convenções que limitam – de maneira mais ou menos clara conforme a posição que ocupam nas relações de dominação – o que lhes é possível pensar, dizer e fazer.

Nesta esteira ideológica e que tem na história boas referências para nos elucidar como o contexto de Natividade foi sendo desenhado, Fernandes (2015) assegura que na primeira metade do século XVIII os bandeirantes iniciaram as incursões para descobrir veios auríferos na região onde hoje é Natividade. Este período estendeu-se até 1840, que delimita a transição da atividade mineradora para a economia agropastoril. O autor assim relata:

O antigo arraial, depois elevado a vila em 1833, fez parte da segunda fase de descobrimento do rico metal aurífero na Capitania de Goiás, na época ainda sob a tutela de São Paulo. A criação dele, mais precisa, é datada do ano de 1734, quando o desbravador paulista Antônio Ferraz de Araújo chega às abundantes minas. Inicialmente, a exploração fez com que as construções primitivas fossem erigidas no alto da serra - há ainda hoje as ruínas, conhecidas como São Luis (FERNANDES, 2015, p.15).

Em sua obra o autor relembra que por muitos anos os negros trazidos da África escravizados nas minas da região, na transição, foram reaproveitados nas atividades agropecuárias e/ou de agricultura. Nesta época de grande expansão das atividades do ouro, o povoado chegou a contabilizar no núcleo populacional um total de 40 mil escravos (CUNHA MATTOS, 1979, p.254). Embora este dado tenha sido contestado por Palacín (1976, p.40), ao afirmar que “a realidade é bem mais modesta” que os dados apresentados por Cunha Mattos, “por conta própria”. Apesar disso, o número justifica o enfoque escravagista da discussão por nós proposta.

Com base em outros historiadores, Fernandes relembra que quando as relações de negociação entre senhores e escravos se tornavam inoperantes e prejudiciais aos cativos, só lhes restavam a resistência abrupta, geralmente, por meio de sabotagens, abortos, suicídios, assassinatos e fugas para formação de quilombos e isso nos remete a dor descrita por Nietzsche (1998). Ainda, sabe-se que “a fuga nem sempre objetivava em sua essência pôr fim à ordem escravista, [mas] na maioria das vezes melhorar aspectos específicos de vida dos cativos, aspectos estes mergulhados em sonhos, retrocessos e ressignificados” (FERNANDES, 2015, p.59).

Este corpo populacional precisava ser docilizado e a religião foi o caminho utilizado, sem o uso da força física, mas nem por isso, tirando dele a dor, quer seja a da culpa, a da penitência ou a do suplício do corpo que se sobrecarrega de pecado. Nesse sentido, Fernandes conta que existiram no arraial de Natividade duas irmandades que no Brasil Colonial sempre estiveram ligadas aos negros. E complementa:

As igrejas ainda hoje se fazem presentes e dão vida ao patrimônio local: a Igreja de São Benedito e as ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

As irmandades foram de grande serventia, pois além de serem espaços de cooperação, ajudaram na incorporação de princípios e costumes cristãos. É importante compreender que tal absorção, representava tática de afastamento do cativo e aproximação do mundo dos livres. Mesmo que as irmandades não objetivassem, no seu âmago, acabar com a escravidão, ali era o espaço dos cativos expressarem suas necessidades mais urgentes e de se auto ajudarem, pensarem no futuro, se defenderem dos males mais dilacerantes.

Fica também evidente, que se para o mundo dos brancos a igreja colocaria os escravos sob seu controle e os aproximaria do cristianismo, para homens e mulheres escravizados adotar esses modelos católicos, além de representar uma resistência cotidiana de defesa, também representava uma estratégia escrava de aproximação da liberdade por meio da religiosidade cristã (FERNANDES, 2015, p. 58).

Esta docilização, apadrinhada pela Igreja Católica, foi também patrocinada pela classe burguesa do povoado, à época, a saber: “indivíduos de posses, mineradores, detentores de grandes propriedades, criadores de gado, comerciantes, geralmente donos de extensa escravaria, ou que, em algum momento da vida, assim o foram” (FERNANDES, 2015, p.63). Tais referências mostram uma elite disciplinada e uma massa docilizada. Quando nos referimos ao termo, cabe ressaltar, a docilização que tem como motivação o controle e imposição de normas aos corpos, com o objetivo de torná-los melhor controlados. Nisso, há de se considerar a subordinação e submissão, mecanismos que se ampliam para viabilizar possibilidades mais eficientes de modelar de ações e comportamentos, com um elemento que para a época é uma evolução: tornar o corpo um novo objeto de poder, com a inexistência da repressão física. Isso se evidenciou como uma relação do discurso através da apresentação do nosso corpo com a moralidade e anseios da igreja (FOUCAULT, 2007).

Dando sequência, embora neste trecho da discussão tenhamos atentado ao corpo e ao poder disciplinar para explicar o contexto em que se dá a docilização dos corpos dos escravos, não no mesmo sentido da classe burguesa que era submetida a disciplina, como afirmado, mas no sentido de acalmar animosidades, voltemos agora ao que

motiva, à priori, esta pesquisa. Ou seja, a percepção do corpo que é submetido ao culto e ao sagrado.

### **Orar com o corpo**

O corpo, como produtor de discurso que expressa uma verdade<sup>7</sup>, é, portanto, o meio de relativo valor do ser humano se expressar. Assim, no campo do religioso, considera-se que a oração e o posicionamento dado a esse corpo pode melhorar a qualidade daquilo que se quer transmitir, comunicar – acreditando-se que a ação torna-se instrumento relacional com o mundo e, nisso, vale considerar o corpo, percebido ou concebido como instrumento de vinculação social, sendo uma característica, no caso específico da Romaria do Bonfim de Natividade. Tal descrição é perceptível nas ações dos romeiros, no deslocamento a partir dos locais mais longínquos a pé até o pequeno povoado localizado no cerrado tocantinense. Depois do deslocamento e já no povoado, há um rompimento para com os paradigmas sociais e a busca por colocar corpos e discursos ligados e associados à cruz do Bonfim, condutas presentes também nas missas no centro do povoado e no interior do Santuário do pequeno distrito.

É nesse campo que buscamos perceber o corpo expressão de discursos do simbólico, do sacrifício, religioso na busca por alcançar o lugar do sagrado. Na religião em específico, esse corpo é marcado e traz dispositivos diversos. Falamos aqui das emoções, desejos, preces, saudades e agradecimento. Trata-se de uma “voz” do corpo que, durante a festa, é compreendida em dois momentos distintos: a intimidade do corpo na busca da íntima relação com o religioso, o sagrado, a devoção e até mesmo a dor, devido aos sacrifícios somadas as atividades coletivas (missas, procissões, ladainha etc.) que ocorrem simultaneamente e mesclam-se umas com as outras. Buscando entender o porquê dos gestos e símbolos nas celebrações, consideremos que,

A liturgia é por si só uma celebração na qual prevalece a linguagem dos símbolos. Uma linguagem mais intuitiva e afetiva, mais poética e gratuita. Não é só conceito, nem tem como objetivo apenas dar a conhecer. A liturgia é uma ação, um conjunto de sinais “performativos” que nos introduzem em

---

<sup>7</sup> Segundo Foucault, “a importância estava no dizer a verdade sobre si mesmo”, embora desestabilize o outro. Disse também ser “preciso analisar as condições de como cada um representa para si e para os outros a condição de possuidor ou locutor da verdade”. Para ele, “a verdade é todo discurso que estabelece um modo de ser e um modo de agir no mundo” (SANTOS, 2015, p.126-129).

comunhão com o mistério, que nos fazem experimentá-lo, mais do que o entender. É uma celebração e não uma doutrina ou uma catequese. É a linguagem simbólica que nos permite entrar em contato com o inacessível: o mistério da ação de Deus e da presença de Cristo. [...] O homem se serve da linguagem simbólica, expressando e realizando com sinais e gestos corporais a comunhão religiosa com o Invisível, não só para sua própria expressão, ou para sua atividade social, mas também, e acima de tudo, para sua relação com a divindade (ALDAZABAL, 2005, p.14-15).

Diante da citação do autor, interessa-nos aqui três importantes momentos de ações corporais dos fiéis dentro da Romaria, na qual muitos manifestam uma vivência e atitude interior de fé ao sagrado - Senhor do Bonfim. A primeira delas é o prostrar-se ajoelhado diante da imagem dentro do Santuário; a segunda é o levantar de braços para diante do palco-altar e a terceira é tocar na estatueta, durante a procissão que a leva do Santuário ao palco-altar. Vê-se na ação uma possível busca por aproximar-se do que é entendido como sagrado, o corpo traz, nessas ações, um conjunto de discursos, enunciações dessa necessidade de íntima proximidade e reconhecimento. É como se o sagrado nos deslocasse a um lugar seguro, a uma condição de distanciamento e rompimento com o profano e isso nos tornasse melhores.

Buscando melhor adentrar no debate proposto e nos três espaços-práticas, inicialmente o faremos pela observação do ato de ajoelhar-se, postura comum na oração, no falar com a divindade e o sagrado. Nisso, gostaríamos de considerar a inclinação a quatro significados: respeito, admiração, submissão e humildade diante do que é tido como o sagrado. É de fato um reconhecimento da superioridade do santo em relação ao romeiro pecador, ligado ao profano e que ali busca desvincular-se. Seria “sinal de penitência em sua expressão máxima” (ALDAZABAL, 2005, p.184). Considerando todo o contexto da foto que ilustra essa discussão, observa-se aí um corpo sagrado com caracteres de mutilado, que por si só, expressa sofrimento e imprime o mesmo de seus seguidores e que por mais sacrifícios e suplícios sejam feitos no culto e na preparação para o mesmo, ainda assim se estará aquém do sagrado. Podemos considerar que há aí uma intensão do despertar da piedade e do amor justificando a adoração de joelhos.

Abaixo, duas imagens representam bem o momento descrito. A primeira fotografia é de 2013 e foi tirada pela repórter do G1 Tocantins, Jesana Pereira de Jesus (Figura 1). A segunda foi tirada em 2016, por Thiago Sá, repórter fotográfico da Assessoria de Imprensa do Governo do Tocantins (Figura 2).



**Figura 1** – Jovens fiéis de Almas ajoelham-se diante da imagem do Senhor do Bonfim, no Santuário, após caminhar 24 horas. Ano: 2013.  
**Foto:** Jesana Pereira de Jesus/G1 TO<sup>8</sup>



**Figura 2** – Devotos do santo de todas as idades fazem fila para ajoelhar-se diante da imagem, no Santuário. Ano: 2016.  
**Foto:** Thiago Sá / Governo do Tocantins<sup>9</sup>

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2013/08/jovens-caminham-durante-24h-para-pagar-promessa-ao-senhor-do-bonfim.html>> Acesso em 12 Fev. 2017.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://to.gov.br/noticia/2016/8/12/senhor-do-bonfim-reune-fe-e-tradicao-atraindo-milhares-de-romeiros-no-tocantins/>> Acesso em 12 Fev. 2017.

Iniciando nossa segunda análise, ela refere-se ao ato de levantar os braços em direção ao palco-altar. A simples ação pode ter como sentido o adorar, o louvor, o agradecer. Em outros momentos, o proclamar, o profetizar. Além disso, na própria preparação do corpo para o culto, prescreve-se que o gesto de levantar os braços é forma de expressar a elevação do corpo à divindade máxima do culto religioso - o Deus. Seria aí um sinal de entrega ou, ainda, o desejo de ser pego ao colo pelos braços daquele que estaria acima de todos. Geralmente, na Romaria em questão, fazem as incursões devotos mais idosos. Nisso indagamos: é uma busca do sagrado como preparação para o além vida, quando o corpo já não vivente estaria sendo assegurado ou usado para assegurar um descanso eterno.

Consideremos que historicamente o pós-vida sempre foi envolto pelo religioso como forma de assegurar todo um rito de passagem seguro. Foucault (2007) explica que todos têm o direito de vida e morte e auxilia entendimento de como a igreja se apropriou, com o sagrado, do direito de conduzir o corpo ao sagrado pós-morte. Isso seria a explicação para a aproximação de números elevados de idosos ao rito do religioso e seus suplícios? Nesse campo o próprio autor nos conduz a entender a dinâmica da morte afirmando que,

A meditação sobre a morte é, em sua forma geral, totalmente isomorfa à presunção, à premeditação dos males [...] simplesmente por (essa primeira razão): a morte não é apenas um acontecimento possível, é um acontecimento necessário. Não é apenas um acontecimento com alguma gravidade: tem para o homem a gravidade absoluta. E enfim, a morte pode ocorrer, bem sabemos, a qualquer momento (FOUCAULT, 2011b, p.429).

Procedem também de o possível entendimento de que muito do rito e do culto encontrado em contextos como na Romaria do Bonfim, nos quais o idoso presta seu culto procedem e são uma distorção do culto grego feito pela igreja católica no século II, a partir de Augustinho (FOUCAULT, 2007). Em outra obra o autor elucida que na Grécia existia era um exercício de pensar no morrer como momento comum a coisas quaisquer. Seria por meio desse olhar que deviam ocupar-se, considerando o morrer moralmente valioso e belo, daí o entendimento de ligação com o sagrado. Mas, pensava-se na vida ao invés da morte e o empreito não deveria ser o de fortalecimento e valorização do fim da vida, mas um culto a alma. Alma no sentido daquilo que emoldurava a vida e não como colocada no lugar do sagrado, do além vida e do pós-

morte. Seria um qualificar da alma desde o nascimento. Daí o cuidado do corpo tão visível nas obras gregas, é o cuidar da alma para qualificá-la.

Deste modo, buscando contextualizar os fundamentos de Michel Foucault e aplicá-los à nossa discussão, observamos, no coletivo, um grupo de corpos docilizados, representados pelas mãos de seus fiéis, submissos, com medo do pós-vida e por isso rendidos ao culto do sagrado. Desde modo, o grupo age na mesma perspectiva, com a mesma frequência e repassa esse compromisso desde os anos de 1700. As imagens abaixo, que reivindicam a análise feita. Ambas as fotografias são da última romaria, realizada em 2016, respectivamente feitas pelos repórteres fotográficos da Assessoria de Imprensa do Governo do Tocantins, Marcelo Prado (Figura 3) e Thiago Sá (Figura 4).



**Figura 3** – Romeiros levantam os braços em direção ao palco-altar, no dia da Missa do Romeiro. Ano: 2016.

**Foto:** Marcelo Prado / Governo do Tocantins<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://to.gov.br/noticia/2016/8/12/senhor-do-bonfim-reune-fe-e-tradicao-atraindo-milhares-de-romeiros-no-tocantins/>> Acesso em 12 Fev. 2017.



**Figura 4** – Romeiros levantam os braços em direção ao palco-altar, no dia da Missa do Romeiro. Ano: 2016.

**Foto:** Thiago Sá / Governo do Tocantins<sup>11</sup>

Por fim, nosso debruçar volta-se para o tocar na imagem considerada como o sagrado. Durante a procissão um grupo previamente escolhido retira a imagem do altar do Bonfim do Santuário e carrega-a para o palco-altar, montado na praça, na frente da Igreja. O sentido simbólico deste culto ao santo tem fortes crenças com a possibilidade do milagre no campo do sobrenatural. A aposta é que ao sentir a imagem o corpo que toca seja alcançado pela força do sagrado, atravessado pela possibilidade da ação desse sobrenatural que o conheceria e o conduziria a um lugar e condição almejada de cura. E tem o significado de tocar o corpo sagrado – o tido filho do Deus supremo e nisso se alcançar cura, a comunicação com a vida, o perdão e a segurança (ALDAZABAL, 2005). Trata-se de um corpo que simboliza ali o sacrifício feito pelo sagrado exigindo do corpo do fiel que professa o mesmo esforço e sacrifício. As imagens a seguir retratam essa verdade que o corpo tenta professar.

A Figura 5 é de 2013 e foi tirada pela repórter do G1 Tocantins, Elisangela Farias. A Figura 6 foi tirada em 2011, por Adilvan Nogueira, repórter fotográfico da Assessoria de Imprensa do Governo do Tocantins.

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://to.gov.br/noticia/2016/8/12/senhor-do-bonfim-reune-fe-e-tradicao-atraindo-milhares-de-romeiros-no-tocantins/>> Acesso em 12 Fev. 2017.



**Figura 5** – Durante a procissão, muitos romeiros tentam tocar na imagem e nas fitas do Bonfim, durante a procissão, no dia da Missa do Romeiro. Ano: 2013.

**Foto:** Elisangela Farias/G1 TO<sup>12</sup>



**Figura 6** – Grupo escolhido previamente retira a imagem do altar do Bonfim do Santuário até o palco-altar. Ano: 2011. **Foto:** Adilvan Nogueira / Governo do Tocantins<sup>13</sup>

<sup>12</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2013/08/romeiros-pagam-promessas-em-festa-do-senhor-do-bonfim-no.html>> Acesso em 12 Fev. 2017.

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://seden.to.gov.br/noticia/2011/8/16/romaria-do-senhor-do-bonfim-missao-oracao-conversao-e-uniao/>> Acesso em 12 Fev. 2017.

Buscando caminhar para um amplo conceito do discutido, Chartier nos auxilia ao tratar sobre discursos eruditos e práticas populares. Para o autor,

A noção de representação não nos afasta nem do real nem do social. Ajuda os historiadores a se desfazerem da “ideia muito magra do real”, como escrevia Foucault, que durante longo tempo foi a sua, insistindo na força das representações, sejam elas interiorizadas ou objetivadas. As representações não são simples imagens, verdadeiras ou falsas, de uma realidade que lhes seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é (CHARTIER, 2015, p.51-52).

Conclusivamente, podemos considerar que o comportamento dos devotos do Senhor do Bonfim representa o corpo em busca do sagrado e do alcançá-lo. Trata-se de um santo que teve um bom fim - para os cristãos: o próprio Jesus, resguardado o sincretismo existente no território brasileiro, também teve ao fim a ascensão, e ida a morar com o Deus. Ao fazemos todas as observações aqui alocadas, vale refletir sobre o corpo como discurso e arte, corpo que produz e é produzido, que abarca a vida, que como sinaliza Foucault (2011) vida que deve ser entendida, a partir dos gregos, como razão e parceira da alma e, por isso, importante ser entendida como obra de arte.

### **Corpo como arte**

Nesse conceito de corpo e arte ou corpo que expressa a vida – alma como obra de arte citado por Foucault (2011) há de se considerar que o homem é o único ser capaz de realizar-se como uma obra de arte. Este conceito também foi usado por Carlos Rodrigues Brandão em palestra promovida pelo Tear e postada no *Youtube*<sup>14</sup>. Após explicar o percurso do jovem homem grego na escola, Brandão finaliza o vídeo afirmando que o homem é o único ser que cria a si mesmo como obra de arte, tornando-se “a mais importante obra de arte que ele é capaz de produzir” e, conseqüentemente, atinge a “plena realização de si mesmo” (A CRIAÇÃO DE SI..., 2015).

---

<sup>14</sup> O vídeo conta com a participação do poeta, antropólogo e educador popular Carlos Rodrigues Brandão no Encontro Fios de Prosa, organizado pelo Pontão de Cultura e Educação TEAR, no dia 27 de fevereiro de 2015. O TEAR é uma organização da sociedade civil que atua no Rio de Janeiro, desde 1980, nas áreas da Educação, Arte e Cultura. Site: [www.institutotear.org.br](http://www.institutotear.org.br).

Brandão coaduna com Foucault (2011) ao afirmar em seu livro sobre a educação a seguinte questão: “De tudo o que pode ser feito e transformado, nada é para o grego uma obra de arte tão perfeita quanto o homem educado”, moldado (BRANDÃO, 1981, p. 37). Para resgatar a citação e colocá-la no fio de pensamento foucaultiano aqui exposto, leia-se: docilizado. Contextualizando para a religião, o homem se faz obra de arte e sua performance corporal “verdadeira”, se estabelece supostamente como autêntica entrega. Assim como Brandão, Celso Kelly também coloca o homem no patamar artístico, ao justificar a razão da arte:

A arte nasce 'de novo' em cada um de nós. A criatura experimenta a sedução de ser também criador. Alguma coisa há de sair de suas mãos, de sua voz, dos movimentos, dos *gestos*. Alguma coisa que traduza uma intenção de beleza, uma forma, uma expressão, um traço de caráter, uma contribuição ao enriquecimento da existência. Poderá ser a fantasia de um jogo, que se requintará com o tempo: certa maneira de ser inconsequente com os outros, apenas fiel a si mesmo, a um imperativo interior de dar expansão aos seus sentidos, curso à imaginação, vazão ao espírito criativo. Essa atitude desinteressada [...] constitui momentos de seriedade, impulsos, extroversões, atividades autênticas nesse ser admirável de virtudes que é o homem. [...] Virtudes intactas, autenticidade absoluta – em seus *gestos* [...].

Todos vêm ao mundo tocados da centelha da arte. Nem todos a cultivam. São numerosos os que usufruem de suas manifestações. Raros os que prosseguem na senda da criação. Porém a arte não se apaga. Ela fica, perdura, atravessa gerações, define épocas, corre paralela à história: é a grande e bela 'ilustração' da vida.

Desgastando o vulgar, mecanizado o cotidiano, monótonos os hábitos de cada dia, ainda persiste o peculiar, o sempre novo, o novo que se eterniza com a frescura de sempre, o eternamente inédito da arte. Ao lado da natureza – cenário de variedade extrema e de imprevistas mutações – a arte é o contraponto da criação, o desafio do espírito humano às contingências do meio, a nota sensível e enterneceada ante a exatidão calculada e fria dos computadores. A arte revela outro ângulo da verdade: a verdade intuitiva e profética – uma verdade sem fronteiras, uma realidade à revelia do real, um documento humano acima do tempo. (KELLY, 1978, p. 11-12, grifos dos autores).

A própria imagem carregada pelos romeiros e localizada no interior do santuário, representa o corpo-arte, como simbologia do sofrimento a ser seguido. Desta forma, seguindo o pensamento estetizante, durante a Romaria percebe-se que a arte não é uma mera expressão da diversidade humana, mas é a vida e faz parte dela, desde que seja uma vida intensa, ativa, criativa. A Romaria, em sentido amplo e coletivo, torna-se uma atração artística desde a sua concepção, focada em mostrar, exhibir, expor os ritos da

religião, mas também revela o culto do corpo que busca sair do campo do profano e do pecado para alcançar o lugar do sagrado e ou ter acesso as benevolências do mesmo.

Em suma, concluímos que, nas pequenas povoações do Tocantins Colonial, a religião e as festas religiosas tornaram-se eixos sustentáculos de sociabilidade e de reforço do religioso como elo, já que os padres ocupavam o centro das atividades nos arraiais. Ainda, em torno da religião organizou-se grande parte dos valores e da vida social da Capitania (PALACIN, 1995, p. 194), processo a se propagar historicamente até nossos dias tendo seus valores, discursos e dispositivos rememorados de tempos em tempos, reforçando o poder dos discursos na história e sua potencialidade de reconfigurar-se. Nessa discussão o religioso mostra-se apto a tais ações sobre o corpo.

### **Considerações Finais**

Consideramos que é no período das festas religiosas que constituem momentos privilegiados de reafirmação da fé, do sagrado e da convivência social. Neste *modus operandi*, as tradições milenares, repassadas ao longo dos séculos tem carregado consigo influências histórico-culturais inegáveis tendo o discurso dos corpos como ferramenta principal.

Referente ao corpo, o entendemos como local para manifestar a experiência do e com o sagrado, consolidá-la atento ao discurso que traz e propaga e fazê-la renovar-se nas novas gerações. As manifestações corporais dos fiéis durante as festividades, tornaram-se de fato relevante para análise, uma vez que seus corpos expressam discursos e dispositivos ligados à fé, mesmo não os verbalizando. Isso novamente reforça a força do discurso. Ainda, confirmamos que o corpo não é apenas um objeto de estudo, mas um elemento que consegue repassar mensagens compreensíveis por meio de sua gestualidade diante do santo.

Por fim, podemos considerar que o corpo gera-se, entre os mais fiéis, uma diversidade de gestos de oração e, ao fazerem isso, demonstram sua íntima ligação com o sagrado e sua necessidade de o fazê-lo, até mesmo pela aproximação da morte. Nisso, a oração é a principal forma para expressar a experiência dos corpos diante do Bonfim. Considera-se aí o choro e a veneração transcendente e transcendendo o verbal, restando-nos afirmar, que além de um dispositivo de sexualidade, o corpo é, acima de tudo, um

dispositivo de enunciação, capaz de exteriorizar, externar e demonstrar o que sente e o que é imposto a ele sentir, sendo o religioso algo central nesse campo.

### Referências Bibliográficas

**A CRIAÇÃO DE SI como obra de Arte.** Entrevista com Carlos Rodrigues Brandão. 02'39". Produzido em 27 de fevereiro de 2015 por Instituto TEAR. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HgFAKz3Ve4k>>. Acesso: 12 Fev. 2017.

ALDAZABAL, José. **Gestos e símbolos.** São Paulo: Loyola, 2005.

ARAÚJO, Ines Lacerda. **Foucault e a crítica do sujeito.** Curitiba: Editora UFPR, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo.** [Tradução de Cristina Antunes]. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CUNHA MATTOS, Raymundo José da. **Chorographia Histórica da Província de Goyáz.** Goiânia: SUDECO/Governo de Goiás, 1979.

FERNANDES, Claudemar Alves. **Análise do Discurso:** Reflexões introdutórias. Editora Claraluz, 2012.

FERNANDES, Wátima Mislá. **Natividade:** história, esplendor e resistência (1734-1840). Palmas: Nagô Editora, 2015.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em educação.** Cadernos de Pesquisa. Rio de Janeiro, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade:** a vontade de saber I. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988a.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Tradução de Ligia Vassallo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988b.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 2000.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber.** Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas:** uma arqueologia das Ciências Humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1966.

\_\_\_\_\_. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins e fontes, 2011b

KELLY, Celso. **Arte e Comunicação**. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

MARCONDES FILHO, C. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** São Paulo: Paulus, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PALACIN, Luis. **História de Goiás em documentos: I. Colônia**. Goiânia: Editora da UFG, 1995.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Objeto da comunicação é a vinculação social**. PCLA, São Bernardo do Campo, v. 3, n. 1, 2001. Disponível em:  
<<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista9/entrevista%2091.htm>>. Acesso em: 27 Fev 2017.

SANTOS, Welson Barbosa. **Adolescência heteronormativa masculina: entre a construção obrigatória e a desconstrução necessária**. São Paulo: Intermeios, 2015.

RIBEIRO, Lair. **A magia da comunicação**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1993.

## **Sobre os autores**

### **Welson Barbosa Santos**

Pós Doutor em Educação Escolar pela UNESP, Doutor em educação pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU e graduado em ciências exatas e naturais pela Universidade de Uberaba e em Pedagogia pela Faculdade Integrada de Araguatins. Professor Adjunto da Universidade Federal de Goiás ? UFG, Coordenador de Pesquisa e Extensão da UFG - Unidade Santana, Vice Coordenador do Núcleo de Acessibilidade da UFG - Regional Goiás e Vice Coordenador de Estágio Docência na Licenciatura em Educação do Campo LEdoC. Líder do Grupo de Pesquisa Educação no Cerrado e cidadania - CNPq. Como pesquisador, tendo como referência Michel Foucault, estuda subjetividades da formação docente, vulnerabilidade e risco de suicídio entre adolescente do sexo masculino.

### **Weberson Ferreira Dias**

Mestrando em Ciências Sociais e Humanidades pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER), da Universidade Estadual de Goiás (UEG), campus Anápolis. Graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pós-graduado em Docência do Ensino Superior e MBA em Comunicação Empresarial e Marketing. Atualmente é Assistente em Administração da Universidade Federal de Goiás (UFG), Regional Goiás, lotado como Assessor de Comunicação, atuando também como membro do Conselho Editorial do Jornal UFG. Também faz parte da Comissão de Elaboração da Política de Comunicação da UFG, é suplente no Comitê de Tecnologia da Informação e pesquisador no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação no Cerrado e Cidadania (GPECEC).

---

Artigo Recebido em Julho de 2017.

Artigo aceito para publicação em Novembro de 2017.